

ASPECTOS DA TOXICOMANIA NO FEMININO

SOUZA, Cristiano.¹
GRUNEWALD, Evelyn Sofia.²
QUINOR, Makelle da Costa.³
SABARÁ, Mary Kelly Rodrigues.⁴

RESUMO

Neste artigo serão apresentadas algumas conclusões produzidas a partir da realização da pesquisa: “Aspectos da Toxicomania no Feminino”, no qual se desenvolveu por meio de um estudo teórico com o objetivo de analisar como se estabelece a toxicomania nas mulheres, adentrando primeiramente no que é o feminino segundo a abordagem Psicanalítica e em seguida o que é a toxicomania, para então podermos produzir considerações sobre quais as peculiaridades que levam ao uso abusivo de drogas nas mulheres, bem como as repercussões psíquicas entre a dependência e as drogas, empregando um olhar humanizado para o sujeito, e não sobre as questões que compõem as substâncias das drogas, considerando as singularidades dos sujeitos embasando-se na teoria da Psicanálise, visto que a dependência química é a busca por preencher algo que falta, como também uma forma de fuga de um mal estar que resulta em sofrimentos psíquicos.

PALAVRAS-CHAVE: Toxicomania, Feminino, Mal-estar, Psicanálise, Freud.

1. INTRODUÇÃO

Historicamente a humanidade sempre esteve a procura de estimulantes que resultassem em alterações psíquicas e comportamentais com o objetivo de recalcar todo mal estar vivenciados durante o cotidiano, desta maneira percebe-se que o uso de drogas vem acompanhando a sociedade desde os primórdios, cada vez mais se atualizando com novos entorpecentes que elevam ainda mais os efeitos alucinógenos no sujeito, aumentando o número de procura pelos mesmos que resultam em problemas sociais e de saúde pública. À vista disso, Freud (1930/1936) considera que a procura pelas drogas são como uma defesa de determinadas excitações desprazerosas que se origina no interior do eu e através disto o sujeito busca outras maneiras de aliviar os sintomas de sofrimento e angústia, como o uso de entorpecentes. Sendo assim podemos considerar que a procura dessas

¹Cristiano Souza. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz; Psicólogo Especialista em Psicanálise (CRP 08/09451). E-mail: cristianos@fag.edu.br.

²Evelyn Sofia Grunewald. Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email: grunewaldevelyn@outlook.com.

³Makelle da Costa Quinor. Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email: makellecq@gmail.com.

⁴Mary Kelly Rodrigues Sabará. Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz. Email: marhykelly@gmail.com.

substâncias químicas se origina através da necessidade de suprir uma falta, que as reações fisiológicas das drogas de provocarem prazer possibilitam recalcar, estabelecendo-se no aparelho psíquico do sujeito como uma necessidade cada vez maior de sentir prazer para fugir do sofrimento, da realidade, ou seja, o sujeito sempre está a procura de algo que falta, com um desejo constante de se sentir inteiro, ou como dito de modo costumeiro, de ser feliz.

Para que isso ocorra os sujeitos consideram a necessidade da satisfação repentina que proporcionam um bem-estar de maneira rápida, logo, quando não é atingida essa felicidade e sensação de prazer imediato, sentindo o sofrimento que é considerado como uma ameaça para o próprio corpo prejudicando também suas relações sociais, por conta disto a melhor maneira que encontram para esquivar-se desta ameaça é através de métodos que alteram as sensações do organismo, como a intoxicação. Portanto, podemos observar que ao investigarmos a toxicomania é necessário levar em consideração não apenas o ambiente externo, cultural e social, mas principalmente a subjetividade do sujeito que estabelece a relação com a droga, sua singularidade emocional que muitas das vezes é o principal fator que levou a essa procura.

Desta maneira, as mulheres enfrentam situações geradoras de sofrimento emocional, visto que carregam estereótipo que são impostos pela sociedade, como por exemplo, ser magra, ter um bom emprego, ter filhos, ser uma boa mãe, possuir um bom casamento, entre outros, e quando ao contrário, são julgadas como promíscuas e irresponsáveis, sofrendo rejeição qual as faz buscar meios para aliviar toda a culpa que emerge desses julgamentos. Além desses fatores, temos também casos em que as mesmas enfrentam situações de violência física/sexual, seja na infância ou pelo próprio parceiro, buscando através da droga o alívio desse grande sofrimento. (Andrade, et al, 2016)

Posto isto, levasse em consideração que as diferenças entre homens e mulheres referente a toxicomania inicia-se desde a maneira que fazem o uso de drogas, como o de álcool, em que as mesmas usufruem de maneira solitária e escondida, diferente dos homens que utilizam ao público e não são oprimidos pelos estereótipos impostos pela sociedade. (Andrade, et al., 2016) Dessa maneira, já é possível notar as peculiaridades e diferenças entre homens e mulheres dependentes de drogas, cada sujeito se manifesta de forma particular e única, logo, o presente artigo terá seu foco principal na subjetividade da mulher e a sua constante luta para buscar seu bem-estar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. O FEMININO PARA PSICANÁLISE

No que tange a feminilidade, para Psicanálise, com base na concepção de Freud (1905) em os “Três ensaios sobre a sexualidade”, inicialmente falasse de um monismo sexual, que seria a hipótese da existência e reconhecimento pela criança, de ambos os sexos, de um só aparelho genital, que seria o órgão masculino, e que na menina o correspondente ao pênis seria o clitóris. Mas para o autor supracitado “a atividade auto-erótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade”, em que se desenvolvera a fase genital.

Freud (1932-1933) na conferência a “Feminilidade” levanta questionamentos e busca desvendar o que ele nomeava de enigma da natureza da feminilidade, que logo conclui que a psicologia seria também incapaz de desvendar, justificado pela compreensão que a psicanálise não tenta descrever, pela sua peculiaridade, o que é a mulher, mas ocupasse em estudar como ela se forma, como se desenvolve desde criança. Isto levou Freud (1932-1933) compreender que o desenvolvimento libidinal de ambos os sexos é vivenciado da mesma maneira, então “coma mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina.” Concepção está que Freud (1931) em a “Sexualidade Feminina” possibilita compreender de forma complementar ao dizer que na mulher sua vida sexual é dividida em duas fases em que “a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem”.

Demes, Chatelard e Celes (2010) afirmam que “o mistério sobre as bases regulatórias do sujeito é percorrido nas silhuetas do corpo de uma mulher”, pois as teorias da psicanálise sobre a estruturação do sujeito, em aspectos da feminilidade, como logo no início de seu desenvolvimento na dissolução do Complexo de Édipo o que é produzido no homem não é o que igualmente a mulher sente e vivência, e ainda encontra seus limites na castração, flexibilizando a concepção de que a estruturação sexual do sujeito é definida pelas características sexuais biológicas, mas na verdade vai muito além, a sexualidade se apóia na posição subjetiva de cada sujeito.

Então Freud (1932-1933) diz que “com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto - e um menino mantém ambos”. Frente a isto, Freud (1931) em a “Sexualidade Feminina” relata sobre o que é denominado como período pré-edipiano, em que a mãe para menina, assim como para o menino, é seu primeiro objeto, e está se torna primordial para uma compreensão do sujeito mulher e tem uma importância muito maior para as mulheres do que pode ter para os homens, que também é frequentemente repetida nas relações com seus objetos amorosos em sua vida adulta. Freud (1931) observou que em relações em que a ligação da mulher com o pai é muito intensa, anteriormente houve com a mãe uma ligação igualmente intensa e apaixonada, resultado do longo período de dependência da criança. Ele ainda complementa suas análises ao denominar a situação edipiana da mulher como negativa, no momento em que o primeiro objeto de desejo das meninas é a mãe, uma pessoa do mesmo sexo, e o pai se torna um grande rival, embora não o sinta assim com a mesma intensidade que o menino sente, e a situação positiva seria em que ao final do desenvolvimento da menina ocorra a mudança no sexo de seu objeto, que se tornará a pessoa do sexo oposto, denominado como “normal situação edipiana positiva”.

O resultado do complexo de Édipo é um processo marcante no crescimento da menina, bastante demorado e totalmente diferente são os efeitos da castração na mulher, pois ao contrário do menino que teme a castração, a menina está privada disto, e a forma que a mulher vê sua castração toma forma de inferioridade ao homem, mas não se dá por satisfeita a esse estado indesejado e abraça a falta de forma muito singular, qual a feminilidade só se constitui após um longo processo de luta. A partir disto, segundo Freud (1931), se tem a possibilidade de três linhas de desenvolvimento:

A primeira leva a uma revulsão geral à sexualidade. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora auto-afirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade incredivelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse ‘complexo de masculinidade’ nas mulheres pode também resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo (FREUD, 1931).

Afonso (2007) indaga que “as diferenças anatômicas seriam motivo de conflito entre rapazes e raparigas, por revelarem reciprocamente as ameaças ligadas ao processo de desenvolvimento

psicossexual.” E que considerando o todo destes dois discursos, é importante pensar na realidade sobre a indescritível relevância social que a definição de gênero, construída historicamente e culturalmente, tem sobre o desenvolvimento e vivência do sujeito que é mulher, visto que características são determinadas e atribuídas ao feminino com flexibilidade às questões históricas culturais. Freud quando se ocupou em ouvir as históricas, foi justamente mulheres que não encontravam seu lugar no discurso da sociedade e sua insatisfação ia para algo além daquilo que podiam fazer e dizer, resultando em sintomas. Assim analisando de uma forma clássica o desenvolvimento que se tornaram base para construção da identidade sexual, o feminino e masculino só pode ser percebido após assumir a posição de ativo/passivo e fálico/castrado.

Dentre as características e papéis sociais atribuídas ao feminino, é uma delas a maternidade, fortemente associado às concepções de Freud quando a identidade de gênero.

Uma primeira constatação, de saída, é que a Mãe não recobre a Mulher, ou seja, a Maternidade não recobre a Feminidade, em que pese ter sido este o caminho, a via apontada por Freud para a saída da menina, na edificação edípica. Com Lacan, a sexualidade feminina foi retomada não apenas a partir do edifício do Édipo, mas mais-além deste, ou seja, a mulher foi tomada segundo uma ordem que ultrapassa a ordem do falo. (MOTTA, 1995)

Contudo esses papéis na atualidade dizem respeito não somente ao que é imposto e construído pelas culturas, mas também enraizado no objeto *a* do feminino. Este objeto que assim como no homem ocupa o lugar na fantasia, que posteriormente pode ser ocupado o lugar pelo filho, contudo a criança não é de fato o que falta a mulher, outros objetos também podem ocupar esse lugar, como pode se inscrever pela via do significante como uma falta, utilizando-se do pressuposto do monismo sexual em que o feminino corresponde ao castrado, como a ausência de alguma coisa, afinal, o que quer uma mulher? Enigma este deixado por Freud e que deixa a impressão que existe uma abertura para que assim vários objetos tomem lugar como significado, ocupando uma função subjetiva a cada sujeito, a cada mulher, que entre os diversos possíveis ocupantes desse lugar o uso de droga pode assumi-lo (MOTTA, 1995; PACHECO, 2007).

2.2. A TOXICOMANIA

Diante os diferentes tipos de drogas, Real (2015) ressalta que desde a antiguidade, o consumo de drogas vem sendo usado de inúmeras maneiras e com diversos propósitos, sempre se atualizando

até os dias de hoje, visto que irá variar de acordo com a compreensão e interpretação de cada um a sua repercussão e relevância. Sendo assim, a mesma se tornou parte da história da humanidade, pois vem se transformando em um sintoma social, ou seja, atribui um vínculo entre a subjetividade do sujeito com o mal-estar social, posto isto, Melman (1992, p. 66 *apud* REAL, 2015) descreve que “a toxicomania é de certo modo inscrita, mesmo que seja nas entrelinhas, de forma não explícita, não articulada como tal, no discurso dominante de uma sociedade em uma dada época.”

O termo droga originou-se da palavra grega *phármakon*, no qual era usada como remédio ou veneno, porém atualmente ainda há uma grande confusão entre as duas palavras, o termo drogas se refere a substâncias químicas que tem como objetivo alterar um processo fisiológico ou bioquímico, sendo o uso ilícito, já o vocabulário *phármakon* é destinado a substâncias com atividade endógena ou farmacológica, não sendo ilícitas (FARIAS, 2013 *apud* REAL, 2015). Contudo, para a psicanálise, as drogas são usadas e procuradas para ocupar a falta simbólica do sujeito, a mesma estabelece no sujeito uma maneira inconscientemente de desejar cada vez mais algo como as substâncias, com a ilusão de preencher este vazio, tomando uma integridade imaginária de que isto ameniza sua dor inibindo a sua realidade (NUNES, 1999 *apud* MARTINS, 2005).

Referente a esta atribuição, Costa (2004 *apud* Martins, 2005) complementa que o toxicômano tem como propósito a frequente busca pelos objetos ideais, sempre com o objetivo de se defender da angústia usando esse objeto postiço, no qual seriam as drogas ilícitas, como uma forma de defesa, conseqüentemente essa procura faz com que o sujeito não se confronte com o desejo, sendo que não é isso que ele quer, no qual justamente seria pagar o preço da castração. O autor ainda coloca que é através dessa falta que surge o desejo, assim, para o toxicômano, falta a falta, falta sua simbolização, sendo as substâncias que faz o sujeito a não dar de frente com a falta.

Antes de tudo, para continuar discorrendo sobre essa temática é necessário salientar que existe duas formas de toxicomania nas quais se encaixam em sua subjetividade, sendo elas a lógica da suplência no qual se refere às toxicomanias mais graves e a lógica do suplemento, associada às menos graves. A toxicomania de suplemento é denominada desta forma, pois diz respeito a uma forma de suprir uma falta, como seu próprio nome diz é algo que suplementa como forma de preencher as lacunas existentes, algo que está em aberto, uma falta, que não é possível ser satisfeita totalmente, por conta disso, a toxicomania de suplemento está destinada a construção de próteses narcísicas que tem como objetivo construir um eu ideal, buscando suprir essa falta na qual auxilia no confronto sobre o que é real e qual é o ideal perante sua idealização narcísica, desta forma,

é um método de “fugir” da castração, prevenindo uma posição fálica e segurando a perfeição do real e ideal. Já na toxicomania de suplência, o sujeito está de certo modo esquecido de uma cadeia simbólica, visto que o uso de entorpecentes é uma tentativa de autoconservação. Seu nome refere-se a algo que supre a falta de outro, uma forma de substituição (CONTE, 2003 *apud* DOCKHORN *et al*, 2013).

Nas toxicomanias de suplência procede a uma suplência narcísica radical, proporcionando o esmorecimento do Outro, sendo assim, prevalece à existência de um corpo real no qual não é simbólico, o sujeito busca na droga uma forma de gozar na completude, sendo o único objetivo de cumprir uma função vital, o mesmo não vê uma mediação entre ele e a droga, visto que só busca entregar ao seu corpo uma forma de equilíbrio relacionada à droga, ou seja, na toxicomania de suplência o sujeito transforma seu corpo em uma máquina como forma de conter o gozo do Outro e assim continuar vivo, entretanto, percebe-se que na lógica do suplemento o sujeito busca por proteção e na de suplência o mesmo está a mercê da invasão do Outro (CONTE, 2003 *apud* DOCKHORN *et al*, 2013). Todavia, o uso da droga é compreendido como uma “máscara”, ou seja, esconde a verdade, mas que de certo modo está no real (ALBUQUERQUE, 2009 *apud* REAL, 2015). Entretanto, o sujeito busca através das drogas algo real fazendo com que preencha seu desamparo, buscando trazer satisfações pulsionais desejáveis.

Assimilando com Fedida (1979-1985, p.159 *apud* Venosa, 2011) a dependência química é vista como um sintoma que está relacionado à falta e também a constante busca pelo alcance do idealizado objeto *a*, essa busca é considerada como uma forma de compromisso em que o sujeito estabelece para si a necessidade de encontrar o objeto *a*, com o objetivo de saber lidar ou amenizar o efeito de tensões originadas por um conflito intrapsíquico, mas que, apesar do mesmo trazer equilíbrio ao mesmo tempo lhe faz sofrer, ou seja, ao mesmo tempo em que ela proporciona alívio aos seus sintomas lhe trás a preocupação de querer cada vez mais e ter que buscar a cada dia esse alívio momentâneo, além de suprir seus sintomas de forma superficial, ao modo que quando para, volta tudo novamente muitas vezes mais forte.

A partir dessa procura pelo prazer que possibilita um amparo para o sintoma, Freud menciona que a busca pela satisfação acontece pelo fato do sujeito está submetido à pulsão e não à necessidade, ou seja, o uso da substância é como uma forma de proporcionar a satisfação pulsional do sujeito resultando na busca do objeto perdido da necessidade no qual a droga irá substituir esse objeto, o que é totalmente diferente do pensamento de Lacan, o mesmo não utiliza o termo

“satisfação”, mas sim gozo, pois acredita que esse determinado objeto não trás a satisfação ele apenas introduz o impossível deste objeto satisfazer a pulsão, por conta de o gozo proporcionar esse sentimento de insaciabilidade, como algo impossível de ser satisfeito (REAL 2015).

Em relação ao Gozo, Real (2015) ressalta que de acordo com a teoria de Lacan o Gozo está relacionado à intimidade do sujeito, é algo que está fora do significando, mas, no entanto, é real, o mesmo não está presente na estrutura psíquica, mas sim na angústia como uma forma de alcançar seu objeto perdido. Cabe ressaltar que é através da angústia que o sujeito tem contato com o real, e por meio do afeto ele consegue trazer uma sensação de alívio para esse mal estar no qual é denominado como desejo, desejo de suprir a falta do objeto perdido. O mesmo ainda salienta que o gozo é absoluto, algo real visto que sempre volta ao mesmo lugar.

O gozo é eminentemente o campo do Outro, é do Outro que o sujeito é demandado, recebendo, assim uma mensagem retorcida, “[...] o Gozo Outro está na estrutura, pois não há como praticar limites sem que impliquem um além” (MELMAN, 1992, p. 10 *apud* Real, 2015), ou seja, as formas de gozar vão sendo determinadas em cada momento histórico, porém, é de extrema importância que a Psicanálise escute o sujeito na sua particularidade. Melman (1992 *apud* Real, 2015) afirma que na pós-modernidade a sociedade aparenta inventar formas de continuar “gozando de uma falta” (p. 10).

Assim sendo, na toxicomania predomina o que é chamado de Gozo-Outro por não ser mais dependente da castração, resultando em não ter que lidar com um objeto o que o torna como um gozo infinito, entretanto, na toxicomania, as substâncias é uma forma de fixação exagerada a um determinado objeto como uma única fonte de prazer para o sujeito. Por conta disso quando se fala de toxicomania ressaltamos a questão de gozo, pois o objeto no qual é a droga vem a partir da vivência do sujeito diante de que ele é metonímia, sendo impossível de simbolizar, portanto a toxicomania vem sendo esse excesso que as drogas tentam suprir, independente da consequência que esse excesso irá produzir no psiquismo (REAL 2015).

Miller (1995 *apud* Kalimeros, 1998) defende que o uso de entorpecentes é um método de romper o gozo fálico e assim obter um gozo no qual não precisa passar pelo Outro. Ele ainda ressalta que a droga possibilita o sujeito ao gozo em vez a palavra, sendo assim, a mesma permite a fuga da castração, contudo, ela exclui o Outro e promove uma saída da angústia. Cabe destacar que como descrito por Soller (1995 *apud* Kalimeros, 1998), a toxicomania se manifesta como um fenômeno singular no intrínseco da manifestação capitalista, visto que, de certa forma é uma representação do gozo na medida em que é percebido como uma maneira de objeção à utopia, ou seja, uma busca indeterminável pelo lugar ou estado ideal repleto de felicidade que possibilita ao

gozo, logo, se caracteriza como uma forma de introduzir o gozo fálico sendo um meio de competição social, conseqüentemente o toxicômano é insubmisso ao gozo universalizado da civilização, estando ciente ou não, visto que o mesmo não sabe, entretanto é alguém que não aceita o gozo fálico, pois é ele que sustenta toda essa competição social promovendo uma agitação no mundo social no qual ele não aceita.

Sendo assim, o toxicômano recusa a assumir papéis sociais, mas podemos considerar que o mesmo é de certo modo, um consumidor ideal e permanente, é aquele que não se interessa mais pelo tipo da droga, sobre o que ela é composta e quais seus efeitos, a única coisa que realmente vai importar é se irá dar acesso ao gozo, independente se for cocaína, anfetamina, ou até mesmo água injetada, portanto, o gozo que é obtido no corpo não é o mesmo que é disponibilizado pelo consumo dos bens do capitalismo, como no caso de marcas, carros, smartphones, cujo consumo é sustentado no gozo fálico (KALIMEROS, 1998).

Condições propícias para a utilização de substâncias psicoativas: hedonismo, individualismo, redução da carga emocional investida no espaço público e a necessidade constante de ser transportado para outro mundo ou para “esquecer de tudo”. Vive-se a ilusão que a *felicidade é possível, ela está ao alcance de um objeto* e a dependência química é seu representante externo, pois a mercadoria *precisa ser consumida* (GOMES, 2010).

Visto que o toxicômano é um consumidor ideal cabe ressaltar que por trás do uso das drogas existem outros fatores nos quais fortalece a busca pelo prazer acompanhando o mercado capitalista. Antes de tudo, as drogas atualmente estão se tornando como um comércio obtendo um dos maiores negócios diante a economia política, logo, há diversos interesses para que haja a produção e a circulação, visto que não se compara a mesma com as outras mercadorias, pois ela deixa um sinal de magia, a magia que estabelece seu valor de uso e de troca (BIRMAN, 1988). Entretanto, podemos considerar a droga como administrada pelas normas compostas pelo mercado, sendo a toxicomania um cenário social como paradigma do discurso capitalista ou até mesmo como padrão do sintoma moderno no qual resulta em um consumo exagerado que consome o sujeito, ou seja, uma forma de romper o sujeito e o significante fálico, que possibilita a castração (KALIMEROS, 1998).

Assim sendo Freud enfatiza que o objeto central do desenvolvimento individual é o princípio do prazer no qual consiste em encontrar a felicidade, ou seja, uma felicidade no modo mais estrito, oriundo da satisfação momentânea de necessidades represadas, logo, a satisfação seria

uma maneira de conduzir a vida, porém coloca o gozo frente da cautela, resultando em seu próprio castigo. Em sua obra “O mal estar da civilização” propõe que a maneira mais eficaz de precautelar o sofrimento é através da intoxicação, já que as substâncias quando expostas no corpo, no sangue e nos tecidos, proporcionam um sentimento de prazer, o que inibem os impulsos que trazem sofrimento, visto que, além das substâncias possibilitarem o prazer, proporcionam também a sensação de independência referente ao mundo externo, de certo modo distanciando a tristeza e afastando a “pressão” da realidade sendo como um “esconderijo” diante o mundo (FREUD, 1930/1936).

A satisfação é obtida de ilusões que a pessoa reconhece como tais, sem que a discrepância entre elas e a realidade lhe perturbe a fruição. O âmbito de que se originam tais ilusões é aquele da vida a fantasia; quando ocorreu o desenvolvimento do sentido da realidade, ele foi expressamente poupado do teste da realidade e ficou destinado à satisfação de desejos dificilmente concretizáveis (FREUD, 1930/1936).

Diante disto, o toxicômano de certa forma vê a realidade como o causador de sofrimento, um inimigo, no qual é inconcebível suportar, se distanciando totalmente do mesmo com o objetivo de ser feliz, confeccionando então o seu próprio lugar em que atribui apenas os seus desejos, dispensando aspectos intoleráveis. Além disso, Freud trás que quando o sujeito está desesperadamente a procura dessa felicidade, geralmente não conseguirá alcançar, pois a realidade de certa forma é algo insuportável para ele, portanto, há dois caminhos que pode escolher, sendo a busca pelo prazer e a evitação do prazer, porém, os mesmos não garantem a satisfação total, uma vez que a felicidade concebe uma dificuldade referente à economia libidinal, sendo assim, cada um tem que buscar a sua maneira de ser feliz (FREUD, 1930/1936).

Em suma, irá depender de quanta satisfação real ele pode esperar do mundo exterior e também o quanto ele está disposto a se modificar para atingir seus desejos, entretanto, se o sujeito apresentar uma constituição libidinal desfavorável e não ter passado pela mudança de seus itens libidinais provavelmente irá apresentar dificuldades em obter a felicidade diante a circunstâncias externas, ainda mais se deparar com barreiras difíceis de serem passadas, é através dessa dificuldade que o sujeito se esquia e vai à busca das drogas para ser consolado perante o fracasso da procura pela felicidade (FREUD, 1930/1936).

2.3. O FEMININO E A TOXICOMANIA

Abrangendo a toxicomania nas especificidades do feminino, e sendo a mulher constituída pela falta, as drogas se tornam como o objeto e a toxicomania como o sintoma. Nos dias atuais, nota-se grande aumento de usuários de drogas do sexo feminino, estudos apontam que o que leva as mesmas a fazerem o uso dessas substâncias são os mais diversos motivos, dentre eles a tentativa de amenizar os sintomas depressivos, aflições e pressões resultantes dos seus relacionamentos interpessoais, baixa autoestima e autoconfiança, irritabilidade e ansiedade, além de grande probabilidade de terem sido abusadas fisicamente ou sexualmente durante a infância ou até mesmo recentemente, sendo o acesso às drogas facilitado através de relacionamentos amorosos e amigos que fazem uso (PACHECO, 2007).

As substâncias que as mulheres mais utilizam são as tranquilizadoras, como álcool e cocaína, o consumo do álcool posiciona a mulher em situação de violência sexual, por conta do mesmo ter um efeito quatro vezes maior nas mesmas. Como citado, na maioria das vezes a utilização do álcool é feita para acompanhar algum amigo ou parceiro como um ato social ou coercitivo, além do abuso sexual, em que este pode atribuir outras consequências mais graves na saúde principalmente nas mulheres (FERREIRA E NASCIMENTO, 2002).

A dependência nas mulheres tem agravantes que se constituem em situação de vulnerabilidade. Segundo Ferreira e Nascimento (2002, p.149), existe uma associação entre uso de drogas e prostituição “uma vez que as mulheres apresentam uma tendência maior de fazer troca de sexo por drogas ou dinheiro, para adquirir a droga desejada”, contudo Aquino (1997 *apud* Ferreira e Nascimento, 2002, p.149) colabora com esta questão ao apresentar dados “que nem sempre é o uso de drogas que leva à prostituição, mas uma vez iniciada esta prática, as mulheres procuram na droga um apoio, tornando-se assim um ciclo vicioso, em que uma situação concorre para a manutenção da outra.” Assim sendo, Oliveira e Paiva (2007) enfatizam que a troca feita de sexo por droga não constitui, exclusivamente, a prostituição, mas sim uma maneira de negociação na qual está permeada por estereótipos da sociedade que consideram o corpo da mulher como produto ou objeto de desejo.

Frente estas realidades se vê que a droga é um sintoma da necessidade em suprir uma falta existente na mulher causadora de sofrimento, seja pelo meio da droga ser um momento de prazer frente às tantas possíveis situações como as citadas acima, que são o grande problema da vida

contemporânea com efeitos estressantes e traumáticos causadores dor, onde manifesta-se o desejo de recalcar, efetivamente esquecer, e que tem também influência do reflexo do papel que se é imposto às mulheres pela sociedade. E ainda em situações mais agravantes, acabam se colocando em risco anulando-se temporariamente para que assim obtenham o alívio, e é nesta busca que acabam por se consumir pelo objeto, o uso de drogas prevalece como um gozo-Outro, que não causa mais castração, e permite não ter que lidar com o outro real. Freud (1930) em “O Mal-estar da Civilização” cita a intoxicação química como um meio mais eficaz para suportar o sofrimento derivado da civilização que oferece produtos (drogas) com a idéia de promover felicidade:

Os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado. O mais grosseiro, embora também o mais eficaz, desses métodos de influência é o químico: a intoxicação (FREUD, 1930).

Diferente da mulher, o homem utiliza a droga para suprir a falta posicionando o objeto *a* na fantasia, logo, para a mulher não é esse objeto que proporciona o abastecimento dessa relação, ela se relaciona com um objeto parecido com essa fantasia, que no caso seria como um filho, o gozo desse objeto para a mesma pode ser algo devastador, visto que podemos relacionar a mesma com uma mãe, mas cabe refletir que se para o homem a mulher é olhada como um sintoma, o homem então para a mulher pode se tornar uma devastação, entretanto, Lacan diante o termo devastação diz que é uma forma de reforçar a relação pelo controle do Outro pelo sujeito, este sujeito no qual está a favor da vontade do outro, todavia, considera-se que a mulher utiliza-se de uma máscara masoquista, mas quando essa máscara acaba caindo denomina-se como devastação, uma devastação que é resultado de realização como sujeito real (PACHECO, 2007).

Soler (1995), no livro “Variáveis do fim de análise”, aponta que Lacan diz “devastação”, reforçando a grandeza do alheamento da relação para acentuar exatamente o domínio do Outro pelo sujeito: um sujeito à mercê da vontade do outro. Sob outra perspectiva Miller (1998) diz “uma mulher tem sempre um ponto de devastação, que não há relação com a lei que possa poupá-la disso, no mesmo sentido que Lacan dizia que a verdadeira mulher tem sempre algo de perda”. Se puder haver alguma singularidade na mulher com relação à toxicomania, está contida na própria posição da mulher perante a sexualidade e seu modo de gozo.

Então, considera-se que a mulher utiliza a droga como uma forma de efetivar o casamento com o falo utilizando da máscara, ou seja, muitas delas atribuem uma justificativa para o uso de tal,

um exemplo é o caso do falo magro em que a mesma faz o uso da substância para emagrecer para ser desejada ou para não decepcionar alguém ou seu parceiro, mas, não podemos esquecer também do divórcio com o falo, no qual é a consequência de quando a máscara cai, em que pretende ocupar para o Outro (PACHECO, 2007). O que vem do outro acaba por se tornar dominante, e a própria identidade da mulher perder força.

Ainda devemos nos voltar à questão de que enquanto aspectos das mulheres, ela pode-se dispor da toxicomania de suplemento e de suplência, a de suplemento pode ser usada de uma forma narcísica, tendo como principal foco manter uma imagem do ideal de eu (COSTA, 2005). As mulheres adictas buscam manter um real e ideal de perfeição com o objetivo, de ludibriar a castração e a função da metáfora paterna, recorrente pela falta de significação fálica do pai, logo, a droga é considerada um meio de tentativa imaginária de suporte as toxicômanas para a construção do ideal, com a tentativa de minimizar a dor da castração, remetendo ao gozo fálico (LE POULICHET, 1990 *apud* SOUZA, 2010). Já na toxicomania de suplência, o feminino pode atribuir como uma maneira de recobrir o vazio deixado pelo lugar que suponha ocupar para o outro, sendo pela ausência amorosa, abandono, da identificação com alguma coisa ausente na qual irá extinguir a dor podendo ser pela via da morte, portanto, a mesma tenta construir um novo pai diferente da toxicomania de suplemento em que ela tenta resgatar a função do mesmo (COSTA, 2005). Para evitar o desprazer, então a droga ocupa o lugar do objeto idealizado, como um gozo infinito.

Posto isso, consideramos que o narcisismo frágil, a baixa autoestima, dificuldades de estabelecer relações, proporcionam uma falha narcísica atuando na construção de sua psicosssexualidade, visto que, Freud (1931) ressalta que esses fatores têm uma grande relevância principalmente nas mulheres do que em homens, dessa maneira, o feminino quando diminuído o narcisismo, vai a procura de um objeto narcísico externo, como as substâncias, sendo uma maneira de ocupar a posição do objeto idealizado anulando todo sofrimento, podendo ser considerada uma relação pré-edípica em que a droga corresponde a onipotência infantil de satisfações imediatas de suas pulsões (COSTA, 2005). Deste modo, a toxicomania feminina nas subjetividades de cada sujeito pode ser decorrência de uma ausência da imagem paterna carregada de sofrimento, além disso, deve-se considerar que muitas vezes dentro de suas perspectivas não oferecem o ideal imposto pela sociedade causando assim um constante sofrimento psíquico que resulta na busca pela drogadição que proporciona um alívio do insuportável.

As mulheres fazem parte de um contexto histórico-cultural que se impõe a elas ser esposa e mãe, um “Ideal de Feminilidade”, de ter uma postura feminina que é rígida por uma série de códigos morais e a falta de apoio familiar, sendo que em muitos casos seus parceiros também são usuários de drogas ou mesmo pelo preconceito dirigido a elas pelo uso de drogas, causando medo, vergonha e culpa por serem adictas e de perderem a guarda dos filhos. Que devido a isto, enquanto os homens alcoolizados tendem a exteriorizar esta situação, as mulheres retraem seus comportamentos e internalizam suas emoções, realizando o ato de beber escondido para preservação da sua autoimagem (BRASILIANO E HOCHGRAF, 2006; CEZAR, 2006 *apud* GOMES, 2010).

[...] embora possa encontrar um substituto adequado ao objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores – a experiência mostra, insisto, que as mulheres ao sofrerem as decepções do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas. Nas presentes condições culturais o casamento há muito deixou de ser uma panacéia para os distúrbios nervosos femininos [...] (FREUD, 1908, P.180).

Motta (1995) argumenta que para Freud “a mulher é um sujeito que nada nem ninguém pode satisfazer”, e que não é necessariamente uma criança ou a necessidade de ser mãe que irá suprir a falta do que equivale ao falo, mas que em contrapartida essa mulher pode usar de pseudo soluções, que pode ter outros significados, que segundo a autora supracitada, “é porque ele lhe falta que ela o deseja, e é apenas na medida em que alguma coisa lhe proporciona, que ela pode ser satisfeita.” E enquanto mulher tendo de lidar com o mal estar causado pela civilização, aponta uma frustração enquanto mãe e mulher por sentir que está recusando o seu “dom”, não apenas por um objeto, mas por um ser. E que pela autora referida anteriormente, “não é o objeto que desempenha, em seu interior, o papel essencial, mas o fato de que a atividade assumiu uma função erotizada no plano do desejo, o qual se ordena no plano simbólico”, e conflitos psíquicos nessas áreas abrem espaço para que a droga entre em seu contexto como a única saída possível, uma forma de fuga e liberdade, nem que seja momentânea, de uma realidade indesejada. Logo, de um contexto onde a mulher é constantemente cobrada uma postura, o uso da droga como um objeto de satisfação do desejo passa a ser um sintoma pela toxicomania, onde ela passa a viver em uma realidade ideal quais as imposições sociais não mais a reprime, contudo anula de si mesma na tentativa de ser toda.

3. METODOLOGIA

O presente artigo é constituído por estudos bibliográficos, visando utilizar de um método eficiente, para levantamentos de dados.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. a principal vantagem da pesquisa bibliográfica está no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2002, p. 44).

Foi utilizado de livros e artigos, para a compreensão e o desenvolvimento do tema, voltado para os Aspectos da Toxicomania no Feminino. Foi definido como critério de inclusão: obras de Freud referente a toxicomania e artigos publicados que remetem a Freud, Lacan e a abordagem psicanalítica, dentre outros autores que apresentam teoricamente o tema. A próxima etapa se concedeu através da separação dos temas, sendo: O feminino para a Psicanálise, A Toxicomania e A Toxicomania e o Feminino, logo, iniciamos a seleção dos artigos e dos tópicos seguindo os seguintes passos: leitura exploratória, leitura seletiva, escolha do material em que retratavam o tema, leitura analítica e análise dos artigos e obras, por fim, leitura interpretativa e redação.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Diante dos dados obtidos, podemos considerar que o uso de drogas abrange um campo complexo envolvendo múltiplos fatores, sendo eles emocionais, psíquicos e físicos, diante disto, é de extrema importância ter conhecimento da singularidade de cada sujeito, para proporcionar aos mesmos um atendimento de qualidade, focando em sua subjetividade e levando em consideração todos os aspectos que fazem com que o sujeito busque esses meios, além disso, é necessário analisar toda questão cultural que está envolvida, assim como no feminino, uma vez que é imposto às mesmas regras que de acordo com a sociedade é essencial, como por exemplo, ser mãe, contudo, é importante analisar outros fatores determinantes nas quais as fazem procurar esses meios que podem estar relacionados a questões emocionais, sendo o uso de drogas uma maneira de amenizar sentimentos depressivos.

O uso de drogas se tornou um produto tanto para o mercado de bens, como para o mercado do gozo, refletindo sobre a subjetividade como uma nova sintomatologia marcada pelo ato de consumo indiscriminado (LEMOS E PASSOS, 2004). O mal-estar subjetivo passa a ser entendido como algo insuportável, devendo ser prontamente extinto, fazendo o consumo de drogas lícitas e ilícitas crescerem eminentemente como possibilidade para lidar com o sofrimento.

A toxicomania, nesta circunstância, surge como uma resposta rápida, uma ilusão de que a felicidade é possível, e está ao alcance de um objeto, que faz um elo direto entre o sujeito e o objeto, pois diante do “goza” a dependência química se torna seu representante extremo (ÁVILA, 2010).

Considerando a mulher um sujeito faltante, em que o objeto de desejo é constituído de forma diferente do homem, a castração não as assombra, mas sim as faz ter ainda mais o desejo de suprir essa falta. Contudo, não é novidade, pois Freud (1908) já relata em suas obras que a muito tempo o filho ou o casamento deixou de ser um meio de evitar os distúrbios nervosos, mas ao contrário, podem ser os principais causadores de tais sofrimentos psíquicos em mulheres que na atualidade tem a sua frente a diversos outros ideais que podem se tornar seu objeto de desejo que proporcione prazer, porém, que podem ter um preço alto, pela compra de um prazer que pode consumir o sujeito e levá-lo até as últimas consequências, pois não é somente a experiência do prazer que é sentida pelo corpo, a experiência do sofrimento também, a droga representa um amortecimento das sensações corporais suprimindo não somente o desejo, como também eliminando o dor. Diante disto a droga oferece uma realização pela fantasia adequando a realidade a sua representação, onde as dúvidas sobre o que é verdadeiro ou falso, bom ou ruim são anuladas, e que se tem o desejo de preservar o prazer e reduzir as representações sobre a realidade.

Ficou evidente que a toxicomania nas mulheres é uma questão muito mais banalizada e vergonhosa socialmente, pois a mulher sempre teve uma imagem de apoio emocional da família, por isso suas condutas devem ser sempre corretas e recatadas. Mas uma mulher no momento em que faz o uso de drogas, ela está em um ato de confrontar e esquecer, pela busca de prazer, uma sociedade que a impõem limites e dita regras, contudo ao passar os efeitos das drogas se confrontam com a culpa e sofrimento justamente por usarem, por acharem que vão contra a um ideal de correto, que é uma constituição psíquica que todo ser humano vive em seu desenvolvimento, é ditada por outro e tomada como conduta a ser seguida, e desta forma a mulher tende a entrar em uma concepção pessoal de que não esta alcançando o ideal imposto a ela e que ela tomou como verdade

em sua constituição de pessoa e de mulher, e assim também não pode ter orgulho próprio, além de comumente quando familiares tomam conhecimento dessa dependência acabam por se afastarem, sendo o medo do desamparo e abandono uma das questões que as levam ao sofrimento, por isto, muitas mulheres fazem o uso de drogas escondido, só vindo a tona quando passa a ser dependente, interferindo na sua rotina e relações sociais.

Posto isto, é possível analisar que a dependência química era restrita pela sociedade apenas ao gênero masculino sendo proporcionado a este grupo formas de tratamento, porém, atualmente percebemos uma grande mudança, hoje a um grande grupo de mulheres que fazem o uso de drogas, partindo disto, ocorreu a abertura de casas de tratamento terapêutico destinada apenas ao público feminino, porém percebe-se que essa assistência está focada apenas no uso da droga e não em toda subjetividade e causas desse sintoma, esses métodos não acompanham a complexidade da inserção na sociedade uma vez que as regras sociais reprimem seus desejos e impedem a realização da felicidade de cada sujeito. A toxicomania acaba por se tornar apenas o sintoma, como uma forma de protesto da mulher pelo sofrimento psíquico causado, que tem suas raízes construídas durante todo o processo de desenvolvimento humano e psíquico da mulher. Se torna um ato de libertar-se da condição de passividade e resignação para que possa ter direito de escolha por si mesma.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe então especificidades na relação da mulher com a droga? Constata-se que sim, e nada mais, nada menos que a uma total interferência da sociedade nessa relação e na causa deste mal estar. Contudo mais do que afirmar essa questão foi necessário saber as peculiaridades do feminino e, assim como no homem, onde está o seu objeto de desejo. Homem e mulher enquanto sujeito, pela perspectiva da Psicanálise, ambos têm de lidar com a existência da falta, contudo essa falta tem significados diferentes. Enquanto na toxicomania o homem vive uma explosão de paixões e excitação, a mulher vivência a acusação, estigmatização e marginalização.

Primeiramente devemos considerar que o feminino possui suas particularidades que diferem do masculino, não só biologicamente, mas ocorrem mudanças no seu processo de desenvolvimento e formação, que sofre intervenções de uma construção cultural, que determina e atribuindo ao feminino características as flexibilizando conforme as questões históricas culturais, então as distinções são também nos níveis filosófico, sociais e refletem diretamente no psicológico de cada

uma. Por questões como essas o processo de isolamento das mulheres dependentes é amplo, pela estigmatização que causa exclusão social e rompimento de laços afetivos e familiares, movida pela culpa de seus comportamentos adictos com a mesmo grau que é culpada e afastada pela própria sociedade. E a psicanálise vai lidar com o sujeito que sofre todas essas interferências no seu processo de desenvolvimento, não atribuindo maior ou menor grau de importância a subjetividade deste devido ao sexo biológico, mas não deixando de considerar como parte desse contexto.

Sendo assim a mulher possuindo um objeto de desejo, que ocupa um lugar na fantasia, e em busca deste, que se inscreve pela via do significante como uma falta instalada em algum momento de seu desenvolvimento, ao não encontrá-lo na sua forma idealizada opta por usar de pseudo soluções, em que um filho pode ocupar esse lugar do desejo, mas a droga também pode, além de outros objetos. Então o uso de drogas prevalece como um gozo-Outro, que não causa mais castração e afasta do Outro real, que por vezes são situações estressantes, traumáticas e imposições realizadas pela sociedade que anulam a mulher como um sujeito que possui necessidades, desejos e principalmente uma subjetividade, e que em decorrência de todo o exposto a própria mulher como uma forma de protesto as imposições, com seus comportamentos adictos acaba por se anular temporariamente nesta busca, acabando por se consumir pelo objeto na tentativa de obter alívio do que é insuportável, como uma proteção da realidade que implicaria em reviver o sofrimento, preferindo a segurança e uma estabilidade proporcionada pela droga.

Por fim, é importante ressaltar que a sociedade impõe papéis e formas de agir as mulheres e ao mesmo tempo esta mesma sociedade retira das mulheres suas especificidades ao tentarem apenas adaptá-las as estatísticas masculinas no momento de proporcionar um tratamento, não as olhando para todas as suas incumbências para a realização de um atendimento qualificado para as questões femininas. Fica claro que apenas falar sobre drogas não é a forma mais eficaz, é necessário dar importância, valor e escuta qualificada a subjetividade de cada sujeito, pois uma pessoa só consegue deixar algo que lhe faz mal quando está completamente convencida que este é o motivo de sua doença.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, José de Abreu. **Masculino e feminino: Alguns aspectos da perspectiva psicanalítica.** Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v25n3/v25n3a02.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2020.

ÁVILA, Maria Thereza. (2010). **A perspectiva da psicanálise no futuro das toxicomanias.** Disponível em: <https://twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/Psicanalise/A_perspectiva_da_psican%Elise_no_futuro_das_toxicomanias.pdf>. Acesso em: 07 out. 2020.

BRASILIANO, Silva. **Comorbidade entre dependência de substâncias psicoativas e transtornos alimentares: perfil e evolução de mulheres em tratamento específico para dependência química.** Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5160/tde-21082007-113755/publico/SilviaBrasiliano.pdf>> Acesso em: 07 mai. 2020.

COSTA, Juliana Martins. **Toxicomania: uma forma de existir?** Disponível em: <<https://psicod.org/toxicomania-uma-forma-de-existir.html>>. Acesso em: 09 abr. 2020.

DANTAS, Martha Luciene Nogueira Barros; DANTAS, Jeiel Silva; SILV, Gessé de Souza. **A Psicoterapia de grupo no atendimento a dependentes químicos: Relato de experiências em um projeto social.** Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/cienciaincenabahia/article/viewFile/5995/pdf5995>> Acesso em: 07 mai. 2020.

DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. **O Feminino como metáfora do sujeito na psicanálise.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n2/08.pdf>> Acesso em: 04 abr. 2020.

DOCKHORN, Carolina; MACEDO, Mônica; RIBAS, Renata. **As lógicas da toxicomania e a condição do sujeito.** Rev. Bras. Psicoter. 2013. Disponível em: <http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=135> Acesso em: 09 abr. 2020.

DRUMMOND, Cristina. **Devastação, outra face da angústia.** São Paulo: Opção Lacaniana; 2006; n.45; p. 44-47.

FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (Org.) **Imagem da Mulher na Cultura Contemporânea.** Salvador: NEIM/UFBA, 2002.

FREUD, Sigmund (1905). **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade.** In Obras Completas – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1908) **Moral Sexual ‘Civilizada’ e Doença Nervosa Moderna.** In Obras completas – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Volume 19.

_____. (1920/1922) **Além do princípio do prazer**. In Obras completas – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Volume 18.

_____. (1927-1931). **Sexualidade Feminina**. In Obras Completas – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

_____. (1930/1936). **O Mal-Estar na Civilização**, Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos. Volume 18.

_____. (1932-1936). **Feminilidade**. In Obras Completas – Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5o ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Katia Varela. **A Dependência Química em Mulheres: figurações de um sintoma partilhado**. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-10112010-082915/publico/varela_do.pdf> Acesso em: 16 abr. 2020.

KALIMEROS, Escola Brasileira de Psicanálise. **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<file:///C:/Users/Evelyn%20Grunewald/Documents/ESTÁGIO/livros/O%20brilho%20da%20infelicidade%20-%20Kalimeros.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2020.

LE MOS, Inez; PASSOS, Marina. (2004). **O gozo cínico do toxicômano**. Mental: Revista de Saúde Mental e Subjetividade da Unipac, 2(3), 51-60. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1679-44272004000200005>. Acesso em: 07 out. 2020.

MILLER, Jacques-Alain. **Uma partilha sexual**. Belo Horizonte, 1998. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2020.

MOTTA, Véra. **Mulher, mãe e toxicomania**. Disponível em: <http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/Familia/MULHER,_M%C3E_E_TOXICOMANIA.pdf> Acesso em: 02 abr. 2020.

OLIVEIRA, Jeane; PAIVA, Mirian. **Vulnerabilidade de mulheres usuárias de drogas ao HIV/AIDS em uma perspectiva de gênero**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452007000400011&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em: 28 abr. 2020.

PACHECO, Ana Laura Prates. **O feminino e as drogas na atualidade**. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v5n9/v5n9a04.pdf>> Acesso em: 25 mar. 2020.

REAL, Lourena M. M. Vila. **O Toxicômano em tratamento na rede de atenção de saúde mental: Análise sob uma perspectiva psicanalítica.** 2015. Disponível em: <https://www.ucv.edu.br/fotos/files/TCC-2015_2-Lourena.pdf> Acesso em: 02 abr. 2020.

ROSO, Adriane. **Crítica e Dialogicidade em Psicologia Social: Saúde, Minorias Sociais e Comunicação.** Editora UFSM. 2017. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=q4swDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT177&dq=negligencia+da+saude+diante+mulheres+usuarias+de+drogas&ots=Ncma3eAQYf&sig=qY7Q3oPiBdbK7AJJg96vBVwKHlo#v=onepage&q=negligencia%20da%20saude%20diante%20mulheres%20usuarias%20de%20drogas&f=false>> Acesso em: 28 abr. 2020.

SILVA, Denise Quaresma; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: **As ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina.** Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ep/n31/n31a07.pdf>> Acesso em: 25mar. 2020.

SOLER, Colete. **Variáveis do fim da análise.** Campinas: Papirus, 1995.

VENOSA, Priscila de Azevedo e Souza. **Grupos Psicoterapêuticos de mulheres dependentes químicas: Questões de gênero implicadas no tratamento.** Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702011000100007> Acesso em: 31 mar. 2020.